"A menina ficou totalmente perdida, olhava o cadáver da mãe e nada entendia. Olhou para mim com um olhar vazio que jamais esquecerei. Era um misto de desespero e descrença. Pobre menina! Seu olhar havia perdido o brilho natural. Como o olhar de uma criança poderia perder seu brilho? Seu olhar foi horrível e dolorido. Senti um misto de tristeza, incapacidade e angústia. Uma menina pequena, andando em círculos, pedindo socorro com os olhos."

* * *

Uma boa prova de que, mesmo num cenário de barbárie e atrocidade como a terrível Segunda Guerra Mundial, ainda surjam relatos de infinita beleza e candura, apesar do horror. Ainda mais do que isso, "Fantasmas" é um convite à reflexão a respeito do que estamos fazendo conosco mesmos – humanos contra a humanidade. Numa época em que prevalece a descrença, a selvageria e o nocivo e exacerbado amor-próprio, a obra nos comove com um alerta: não são apenas histórias sobre a Guerra; são, até hoje, realidade, vidas que se perderam, marcas deixadas que jamais serão esquecidas e, esperamos nós, que sirvam de lição para que aprendamos a nos conduzir diante dos novos caminhos.

ISBN - 978 - 85-7984-176-7

Alexandre Carnevali da Silva

FANTASMAS

(AS SUAS HORAS FINAIS)

LIVRE EXPRESSÃO
EDITORA

ALEXANDRE CARNEVALI DA SIVA

FANTASMAS

(as suas horas finais)

ISBN – 978 – 85-7984-176-7

Livre Expressão
Editora
Rio de Janeiro – 2011

DEDICATÓRIA

Dedico esse singelo trabalho a todos os grandes homens que pensaram em si próprios e em suas histórias gloriosas, e por conta da busca de um bem maior a si e às suas nações, não hesitaram em mandar garotos para a morte, em retirar crianças de suas mães ou matar centenas de famílias indefesas.

Que possam, no calor do inferno e na dor de novas vidas, aprender que o mais importante é o amor, que mais vale o abraço de uma mãe amorosa do que todo o ouro da Terra, que mais vale o sorriso de um filho do que qualquer outra honraria estúpida e passageira. Que possam entender que, mesmo pobres, com dificuldades e com os pés no chão, o mais importante é ter uma família, uma mãe que possa lhes acolher nos seus braços.

Que possam entender, algum dia, que a maior honra que pode ser concedida a alguém que é forte é o reconhecimento que esse alguém provê proteção e amparo a quem é mais fraco.

Mãe, obrigado por tudo. Obrigado pelas despreocupadas tardes nos longínquos anos de minha infância. Obrigado pelas tardes de longas conversas em minha mocidade. Obrigado por me receber em seus braços e ensinar sobre o valor do amor e da família. Pena que só entendi muito tempo depois.

Que saudades das tardes passadas, da sua companhia, dos passeios. Que Deus a tenha em bom e tranquilo lugar, minha amada mãe. Espero que, assim como os fantasmas dessas histórias que desejam um dia voltar a ver os seus, eu possa também vê-la novamente um dia.

SUMARIO

O QUE FOI O CONFLITO

Amigo leitor, pedimos vosso favor em ler essas singelas letras. Temos autorização moral para redigi-las porque já fomos poderosos e já fomos escravos, e hoje somos sombras do passado, aparecendo aos vossos olhos como os mais humildes da Terra.

De todas as guerras já travadas, essa da qual falaremos foi uma das mais sérias para a humanidade, principalmente no campo ideológico e político.

A quase totalidade das guerras do passado se deram por conta de interesses econômicos e do medo dos homens e das nações, da busca pela sensação de segurança que acaba se exagerando. Sim, aliada ao interesse econômico sempre presente, existe a busca das nações pela sensação plena de segurança e pelas armas mais eficazes para manter essa segurança, com a obtenção de aparatos de defesa que se tornam também de ataque, e isso faz invariavelmente os ânimos se acirrarem e basta um disparo acidental para a eclosão de um conflito.

Mas essa guerra foi diferente. Além da questão econômica subjacente, havia também toda uma questão ideológica. Grosso modo, contava o mundo com três lados: o lado liberal, de tendência democrática, o lado fascista de extrema direita, e o mundo comunista, os dois últimos de tendência totalitária.

A grande questão é que o lado liberal capitalista e o comunista partiam da premissa ideológica básica da igualdade entre os homens, ao passo que o lado fascista não.

Tanto no mundo capitalista como no comunista os homens eram em essência iguais. Havia possibilidade de um homem comum ascender ao poder, no capitalismo pelo seu empreendedorismo, pela sua capacidade de gerar riquezas e pela sua sagacidade nos negócios, a história americana está cheia de exemplos nesse sentido, e no comunismo havia a possibilidade de ascensão social pela dedicação do indivíduo ao Estado ou a ciência.

No regime fascista, por outro lado, a situação era muito diferente em termos ideológicos. Na doutrina fascista, a própria manutenção do estado dependia da distinção rigorosa entre os homens. Uns para governar, outros para servir, por questões raciais e de estratificação social. Outros deveriam simplesmente morrer, deixar de existir.

E o que vamos aqui dizer depende da análise íntima de cada um para o bom entendimento. Em verdade, o regime que foi derrotado nessa guerra era visceralmente contra o mais basilar princípio cristão, que hoje guarda cunho constitucional nas democracias modernas, o princípio da igualdade entre os homens.

Sim, amado leitor. Ousamos sintetizar que a segunda guerra mundial foi um embate entre três modos do ser humano se estruturar em termos políticos. Dois deles com a premissa de que todos os homens são iguais, e, ainda que imperfeitos e cheios de injustiças, continham a gênese de tal base igualitária, o sonho americano de prosperidade e o sonho comunista de libertação do povo; o terceiro se calcava na premissa de que os homens são diferentes, que o mais forte tem o direito natural de subjugar o mais fraco, e essa força ou fraqueza decorre de algo estático, algo que se define com a nascença. A raça do indivíduo.

Ousamos ainda dizer que havia sinistro plano, entre a cúpula pensante fascista, de eliminar o cristianismo do planeta Terra, pois a maior herança do cristianismo, ao lado da esperança no futuro, foi o princípio da igualdade de todos os homens, evolução natural do princípio de que todos os homens são filhos do Deus único. Basta o amigo leitor procurar na rede mundial de computadores que achará informações acerca do sonho dos líderes fascistas de criar uma própria religião, uma própria ideologia social que justificasse sua insanidade. No regime comunista também era negada a religião, mas de forma diferente, era negada sob o fundamento do entorpecimento do povo. No comunismo havia a pretensão do estado em se substituir à religião, mas ao substituí-la, incorporava os ideais de igualdade e esperança no futuro, coisa que o fascismo jamais teria, pois comprometeria sua lógica de poder.

Em suma, o problema era a raiz ideológica dos três, se os homens são por definição iguais ou não.

Ousamos por fim dizer que nesse aspecto a guerra ainda não acabou. Hoje se percebe claro movimento para desacreditar o Cristo. Ora se dizendo que Ele deixou descendentes, a fim de retirar gradativamente do imaginário popular sua memória divina. Ora se alardeando que simplesmente não existiu, que foi fruto de um amálgama de crenças que existiam até então na região do antigo mediterrâneo.

Prezado amigo leitor, imagine os horrores que a humanidade ainda viverá se a gênese do princípio da igualdade entre os homens for retirada. Imagine o que acontecerá se a idéia do direito natural do mais forte, em oprimir e explorar o mais fraco, voltasse a vigorar. E se nossos descendentes não forem os fortes? O que acontecerá com eles? Imagine a tristeza se a esperança em dias melhores simplesmente deixar de existir.

Na crença de que a guerra continua, e de que todos os homens de bem são nesse momento convocados a lutar na questão da manutenção racional do princípio da igualdade entre os homens, e na renovação da esperança em um futuro melhor, convidamos o amigo leitor a ler as singelas cartas de alguns mortos combatentes.

EXPLICAÇÃO

Em minhas viagens, algumas vezes encontro fantasmas do passado, que me contam coisas, ou mostram situações, como um filme.

Não consigo evitar, são como sombras que me acompanham, mesmo em terras tão distantes.

Alguns, que viveram e morreram em cruel combate, me contaram algumas das suas aflições.

Torno-as disponíveis, como um presente, para que os acontecimentos não sejam esquecidos.

SINISTRA SENTINELA

Meu filho, há quanto tempo não te vejo...

Ainda me lembro dos teus cachos dourados, das tuas brincadeiras no campo, do teu riso angelical. Lembro-me de tua mãe, tão carinhosa para contigo, do teu cachorro com que gostava de brincar. Lembro-me de toda tua infância, que menino lindo tu eras.

Não fui um bom pai, eu achava que nunca foste embora, e me perdia nas minhas obrigações, mas sempre te amei. Você cresceu e virou um militar como eu. Quanto orgulho eu tive de ti quando entrou na nova Aeronáutica. Que orgulho, tu serias um piloto, terias um futuro brilhante. Tão moço e tão inteligente. Meu filho, como eu queria te ver de novo. Aquele tempo me dá tanta saudade.

Dói-me a lembrança do dia em que foste embora. Meu orgulho de ti é imenso, defendeste teu país de uma negra invasão.

A ameaça surgira de um país que em pouco tempo regrediu em sua história, de um país cheio de pensadores e amantes das artes e filosofia, que eu mesmo conhecia tão bem. Os seus campos de beleza triste se tornaram um lugar cheio de ódio e perseguições, comandado por um grupo de verdadeiros ladrões, que usurpavam, corrompiam, mentiam, roubavam e sonhavam em dominar o mundo. De fato era evidente que aqueles ladrões não eram confiáveis. Não havia verdade nas suas palavras, e se os planos de invasão da nossa grande ilha prosperassem, uma era negra na humanidade surgiria. Éramos praticamente o único país em condições de resistir. A América não tinha força, sua Marinha e Exército nunca enfrentaram uma ameaça real, ou tiveram provado seu valor. O discurso dos ladrões era cheio de mentiras, de um lado diziam ser o povo da nossa ilha igual a eles, mas em suas atitudes demonstravam que se sentiam superiores, que nos queriam subjugar, ao passo que roubavam tudo de todos. Meu filho, seu sangue foi desperdiçado nessa luta. Malditos, tiraram você de mim! Tiraram sua vida.

No horizonte, naquele dia terrível, centenas de aviões de combate e bombardeiros se faziam presentes, anunciavam uma verdadeira carnificina em nossas cidades, nossos cidadãos iriam perecer, e a grande ilha não estava

nem de longe preparada para o que viria. O dia era cinza, e cinza estavam todos os corações. Muitos dos jovens pilotos como você não tinham experiência alguma, todos nervosos e com medo, não retornariam para suas mães. Uma batalha sangrenta nos céus começou. Ainda me lembro da sirene de alerta, e de todos os pilotos correndo para entrar em seus aparelhos.

A sirene começou a tocar seu insistente barulho, todos os motores sendo ligados numa lúgubre sinfonia.

O dia começou nublado, no campo de aviação muita confusão após a confirmação do ataque. Da costa, após o início dos combates, dava para se ver a fumaça e as quedas das aeronaves. Era uma verdadeira gritaria no rádio. Eu ficava a imaginar o que sentiam meus meninos, subindo num avião, em formação de combate, por cima do mar gelado, a defender suas mães, mulheres e filhos.

No fim do dia da tentativa de invasão, muitos jovens pilotos morreram. Como comandante de campo era meu dever manter a calma e comandar os aviadores. A coordenação em situação de ameaça direta de invasão, o controle de todos os detalhes, os suprimentos, as decolagens, os reabastecimentos, tudo isso sob enorme pressão, demandavam um grande estrategista de sangue frio e assim eu sempre fui. Eu tinha a autoridade moral para comandar nessa situação. Cabia a mim o indicar do caminho, manter em todos a serenidade do trabalho. Como era difícil chamar ao dever pessoas apavoradas, como era difícil ser forte quando eu mesmo estava com medo! Após algumas horas entendi, por conta da minha frieza, o porquê do Nosso Senhor confiar a mim tamanha responsabilidade.

Nesse final de dia, um de meus subordinados me comunicara que voltaste, meu jovem piloto, tu havias retornado. Havia pousado seu *spitfire* com enormes avarias. Com um nó na garganta fui pessoalmente ao campo. Meu coração já sabia o que ocorrera. Vi ao longe fumaça, e percebi o avião cheio de buracos de bala, você meu amado filho, sabendo das necessidades de seu país, havia salvado a aeronave, sabedor que era das dificuldades que viriam, e que o aparelho era muito importante, mas não conseguira se salvar, jazias morto na cabine. Meu amado filho jazia morto, por uma bala maldita, disparada por um assassino enviado por um invejoso sedento de poder. Meu amado filho, doce criança de cabelos louros, doce criança que jamais voltaria, jamais teria uma família, jamais voaria de novo, morto porque um punhado de canalhas queriam governar o mundo. Tiraram você da cabine com dificuldade,

seu rosto traduzia angustia e dor. Seu corpo enrijecido parecia querer continuar lutando. Como esquecer sua face naquele momento?

Sequer um funeral decente você teve.

A lembrança desse dia me tortura.

Ódio, muito ódio e um nó na garganta eu senti. Desejava ardentemente vingança. Daquele dia em diante viveria apenas para a vingança. Lembrava sempre do menino que corria feliz pelo campo, que desejava voar, tão sonhador, tão apaixonado, tão jovem, ceifado com tamanha violência.

Algum tempo depois, com o endurecimento da guerra, após as tentativas frustradas de invasão, o comando maior da grande ilha decidiu por enfraquecer, a qualquer custo, as operações do inimigo, que ameaçava nossa existência, mas onde estavam suas fabricas de armamentos? Onde estavam suas fábricas, tão bem ocultas, de explosivos e armas? Não havia outra solução senão acabar com a mão de obra dos marginais malditos. Esses canalhas usavam a população como massa operária para sua indústria bélica, e as cidades alemãs tinham suas posições muitas bem conhecidas.

Não tive nenhuma dificuldade em assumir, junto com uns poucos, essa enorme responsabilidade. Sob nossas ordens milhares morreriam, e colocaríamos o III Reich de joelhos, mataríamos todo e qualquer alemão que fosse possível. Meus meninos aviadores iriam vencer, iriam esmagar aqueles bandidos malditos.

Foi dada a ordem de extermínio de tais cidades, para enfraquecer a política e industria de guerra. A ordem do primeiro ataque foi dada por mim, que bem sabia da carnificina que se daria com aquilo, mas o que se havia de fazer, como impedir que o mundo mergulhasse na negritude do regime nazista? Acaso eu permitiria que famílias e cidades inglesas fossem escravizadas? Acaso eu permitiria que acontecesse à minha terra o que acontecia com o resto da Europa? Estávamos sós naquele momento, os americanos não tinham força alguma, os franceses não tinham condições de esboçar qualquer reação direta. Ainda que os americanos enviassem ajuda, humana e material, cabia a nós defender a civilização e liderar o ataque.

A noite ficava no rádio, ouvindo a frequência do inimigo. Ouvia os seus gritos nos seus aviões de caça noturna em chamas. Meus meninos

estavam dando seu melhor. Os aguardava chegar a cada missão. Muitas vezes vi os seus aviões pesados quase sem controle, numa tentativa desesperada para pousar. Os via sair mortos ou feridos de seus esquifes voadores. Os via sendo carregados mortos, com a mesma expressão de angustia do meu filho. Muitas vezes vi aviões se destroçando na pista de pouso, com enormes avarias, conduzidos de volta por artilheiros, sem muito conhecimento de voo. Todos, sem exceção, com os rostos cheios de angustia. Sim, toda madrugada eu os aguardava.

E o que dizer das mães que iam à base perguntar dos seus filhos? Ou como responder às suas cartas? Dizer que foram mortos, ou capturados? Que talvez estivessem numa prisão ou campo de prisioneiros? Como encarar os olhos de um pai ou mãe e dizer isso? Eu podia, eu havia perdido meu maior tesouro também, nossas tristezas se interagiam, como num triste balé de almas em sofrimento.

Como era horrível ouvir no rádio os meus meninos em combate. Quantos eu não ouvi em seus últimos momentos de vida, gritando enquanto seus aviões eram despedaçados pela cruel e assassina aviação alemã. Quantos eu não ouvi que pularam sobre a Alemanha nazista, apenas para serem capturados e fuzilados.

Uma última lembrança da minha vida me acompanha, a de órfãos oferecendo flores a jovens pilotos americanos que estavam em base sob meu comando, jovens órfãos que me faziam lembrar de ti, e jovens pilotos exatamente iguais a ti. Alguns eram fazendeiros que nem faziam idéia de seu destino. Vi um jovem piloto americano distribuir chocolates com os órfãos; quem sabe aquele jovem piloto também não morresse naquele mesmo dia, nas mãos de um assassino alemão? Que bom coração tinha esse jovem, distribuindo o nada que tinha com os ninguém lhe desejavam boa sorte. Aquele piloto estava prestes a despejar toneladas de bombas em cidades, e o garoto órfão estava com os pés gelados, pois nada tinha e vivia num abrigo ali perto, mas o que fazer? Meu ódio era grande, e aceitei a responsabilidade perante o mundo e perante a história em ordenar o fim das cidades alemãs, com a campanha de bombardeiros noturnos, iríamos vencer a guerra.

Uma certa doce sensação se fazia sentir, pois estava a dar a resposta aos miseráveis canalhas. Agora as suas cidades ardiam em chamas, seus filhos queimariam. O mundo que governariam, caso vencessem, seria um

mundo de devastação. Depois da guerra não vivi, foi como que em topor o resto da minha vida.

Aqui no inferno algumas vozes se levantavam, lembrando das cidades ardentes. Deviam ter pensado duas vezes antes de atacar, antes eram orgulhosos soldados, agora são almas maltrapilhas do inferno que só sabem balbuciar. Quando eu os reconheço, eu os torturo.

Que saudades eu tenho da minha adorada ilha, de sentir o sol nascer, da vida que eu tinha, da minha esposa que me deixou tão cedo, e principalmente do meu adorado filho que nunca mais eu vi. Deus, onde o senhor estava naqueles dias? Porque o senhor permitiu tanto sofrimento? Por que o senhor me condenou a esse inferno, por que o senhor me condenou a tamanha responsabilidade?

Meu filho, eu estou parado no tempo, minhas condecorações não são hoje nada além do que desenhos no peito, elas perderam sua definição, são como borrões. Não consigo mais entendê-las. Rogo a Deus poder te ver de novo. Pensei que quando morresse eu te encontraria, pois cumpri com meu dever histórico, mas aqui tudo é confuso e triste, tanto quanto antes. Acho que não há justiça afinal... Apenas dor e tristeza, e não adianta agirmos de modo certo, apenas agimos de modo certo porque é certo, apenas isso, e estamos condenados ao inferno de qualquer jeito. Pobre de mim que tive de tomar as decisões mais terríveis e difíceis, sendo humano.

Eu queria poder vê-lo uma única vez mais, mas não posso deixar esse lugar, tenho que ficar como sinistra sentinela a vigiar os passos dos demônios que aqui estão. Acaso algum dia desejarem o mundo de novo, eu os devo enfrentar novamente.

O DEMÔNIO VOADOR

Meu nome é Johan.

Quando entre vocês, era um caçador. Um eficaz matador.

Muito jovem ainda fui treinado nas armas. Desprezava profundamente todo aquele que era mais fraco do que eu. Em verdade assim fui ensinado e era assim meu mundo, eu era a última palavra em termos de soldado.

Com a eclosão da guerra vi meu natural campo de atuação, vi meu terreno, meu verdadeiro *habitat*. Desprezava tudo que era contrário ao meu país, a minha raça.

Assim que vi, desprezei a insígnia russa. Uma estrela vermelha que achei tola, infantil. Um país grande e desorganizado que acreditava na anarquia, repleto de um povo inferior ao nosso, era necessária a limpeza da terra, aquilo tudo era nosso por direito natural. O vermelho da estrela me irritou profundamente.

Nos céus da Rússia, fazendo aquilo que eu fazia de melhor, derrubava a todos.

Os russos em seus aviões eram totalmente despreparados, em seus navios eram alvos fáceis, em seus caminhões eram alvos móveis. Não passavam de trabalhadores braçais, ignorantes e despreparados.

Quando decolava em missão, eu me sentia em paz, feliz, assim como me sentia em paz quando matava. Às vezes chegava tão perto que dava até para se ver os rostos daqueles que ia matar. Passava depois pelo avião em queda, só para apreciar a beleza da máquina em chamas, dos futuros mortos a se debater em desespero.

Era festejado aonde ia. Eu era o principal piloto da situação. Meus colegas de armas me idolatravam e meus comandantes me elogiavam muito.

Com a piora da guerra, fui chamado a defender a pátria mãe, fui logo transferido para uma base sob o comando da defesa aérea. A Campanha de bombardeiros estava pesada em nossas cidades; de dia os americanos nos fustigavam, à noite os covardes ingleses que só sabiam atacar a essa hora.

Derrubei vários deles, desenvolvemos uma manobra que abatia o próprio piloto, imitada por todos os outros. Os bombardeiros eram alvos relativamente fáceis. O difícil era a escolta, que posteriormente começou a existir; nos davam muito trabalho os aviões americanos de escolta. Eu não sabia bem o porquê dos americanos estarem a ajudar os ingleses. Porque vinham de tão longe? Imaginava que era por uma questão de raça também, afinal falavam a mesma língua. Mas o que mais estranhei era a presença de aviadores que não eram brancos, e isso foi o que mais me surpreendeu. Capturamos alguns que caíram em nosso território, eram todos americanos.

Naquela base, porém, comecei a definhar. Um dia vi uma mulher e uma criança se despedindo de um soldado. Ele levava uma bíblia na mão, e a mulher chorava. A criança não chorava, mas demonstrava tristeza, uma tristeza de quem nada entendia. Era o pai aquele soldado? Ele provavelmente morreria em combate, pois a defesa se tornava cada vez mais difícil. Percebi que, se eu morresse, ninguém choraria. Talvez meu comandante lamentasse a morte do seu bom soldado, e publicariam uma nota de falecimento, mas só.

No dia acordamos cedo com um alarme. Era uma manhã fria. No rádio do meu avião, no caminho, ao encontro com os alvos, que eram inúmeros, começou uma música cantada por uma mulher, acho que para aumentar o moral dos aviadores. Falava de famílias alemãs. Falava das crianças, que desejavam sorte e força, e nos conclamavam para o sacrifício pela terra mãe. Aquilo me embrulhou o estômago.

Cheguei próximo da formação inimiga, estava a escolher meus alvos. Eu preferia sempre o avião líder da formação. Foi quando cheguei perto, perto demais em verdade, o suficiente para ver um carro vermelho pintado na fuselagem.

Naquele momento percebi como eu era miserável. Eu não tive uma família, uma mãe para defender, uma irmã para morrer por ela, um irmão que parecesse comigo, não tive filhos. Eu nunca tive nada nem ninguém. Aquela música idiota nada significava para mim porque eu nunca signifiquei

nada para ninguém. Aquele carro vermelho detonou uma longínqua lembrança.

Lembrei de uma coisa que me aconteceu quando era pequeno. Um dia não sei porque saí com a responsável pelo orfanato onde foi criado, fomos a uma bela casa, acho que era próximo do natal e a supervisora do orfanato foi visitar uma amiga, como eu era disciplinado, ela me levou junto. Naquela casa eu vi no chão, largado, um lindo carrinho vermelho de brinquedo, corri e o peguei para brincar. Senti uma dor bem forte: havia levado um soco na cabeça. A mulher do orfanato me bateu, eu havia pegado o carrinho do menino que morava naquela casa. Fui duramente repreendido por ela e pela dona da casa. O menino, dono do brinquedo, me fitava com ódio. Saí dali com um nó amargo na garganta, um sentimento muito ruim, eu mais ou menos sabia o que era o natal e sabia também que eu nada ganhava, nunca ganhava nada de ninguém, não tinha nenhum brinquedo. No orfanato tudo era muito frio e impessoal, éramos coisas lá. Aprendíamos a ler, escrever, e praticávamos esportes.

Do que mais eu me recordava? Do orfanato em que fui criado? Da rigidez? Da escola para qual fui levado por conta dos meus dotes físicos? Dos meninos em que batíamos porque tinham medo? Minha vida tinha sido sempre preenchida com medo e disciplina. A isso se resumia toda a minha existência – medo e disciplina. A vida de um soldado se resume a medo e disciplina. Aquela música falava de família, de filhos, para defendermos isso. Mas eu nunca soube o que era aquilo. Eu me lembrei que na base havia festas de aniversários, colegas meus saíam para ver os pais. Eu sequer sabia a data do meu próprio aniversário. Para um órfão, uma das coisas que mais entristecem é não saber a data do próprio aniversário. Fui parido e enjeitado como um cão.

Eu era um cão. Nada mais que um cão. Vislumbrava a formação americana. Como eram grandes e belos aqueles aviões! Todos pintados de verde, alguns com desenhos no nariz, como o carrinho vermelho que me fez recordar a minha infância miserável, alguns com desenhos de mulheres. Eu nunca havia sequer chegado perto de uma.

Eu percebi que eu não era humano. Era um monstro, um assassino, criado pelo demônio para matar. Era só nisso que eu era bom.

Enquanto passava por entre os aviões americanos, eu pude ver o rosto aterrorizado de um atirador, ele não se mexeu, podia ter acionado sua metralhadora e me matado, mas ficou parado aterrorizado. Ele não era um cão como eu, treinado para matar. Um cão como eu não teria medo do inimigo, um cão tem medo do dono somente. Eu quase acenei para ele, quase que sorri. Como aqueles fracos tinham tantos recursos? Não entendia. Como aqueles meninos covardes estavam a ganhar a guerra? Como aqueles meninos fracos tiveram sempre tudo e eu não? Porque eu nunca tive nada? Porque ninguém nunca gostou de mim? Porque eu não tive mãe? Será que ela não me quis? O que eu era? A quem faria falta? Só o inferno me parecia ser o meu lugar.

Comecei a ouvir barulhos como que de pedras batendo na lataria do avião, parecia uma chuva de pedras. As balas acertaram a fuselagem, a mesma fuselagem onde eu pintei meu nome e meu distintivo. Senti gosto de sangue na boca. Era o meu sangue, que não sentia desde pequeno nas brigas do orfanato, era como seu eu voltasse para aquela época triste, ou talvez nunca tivesse saído dela.

Meu avião perdeu potência e a hélice parou, começou a soltar fumaça, comecei a cair, rodopiar, não senti dor, só tristeza. Que linda devastação aqueles aviões americanos iriam causar. Achei bonito, achei triste, senti inveja. Naquele momento percebi que meus líderes mereciam morrer, ninguém que eu tinha conhecido um dia na minha existência merecia viver, muito menos vencer a guerra.

Naquele dia eu não matei ninguém, conforme caía me lembrava dos russos que matei, talvez tivessem mulheres e crianças, lembrava da vida miserável que tive. Talvez por minha causa alguma criança russa fosse ter a vida miserável que eu tive, não chorei porque um cão não chora. Lembrei dos comandantes alemães. O que iriam fazer se eu, o assim chamado demônio voador do leste, estava morrendo? Compreendi que minha pátria estava condenada, mas não lamentei. O que tinha para lamentar? Eu não pertencia a lugar nenhum e ao mesmo tempo nada me pertencia. Percebi como tudo havia sido rápido demais, percebi como foi triste, como foi vazio.

Infelizmente não posso dizer o que faço aqui no inferno. Trabalho com um grupo que se intitulam “os caveiras”. Aqui tenho uma função mais nobre. Com minhas habilidades posso entrar em lugares e realizar tarefas que ninguém mais faz. Aqui tenho uma função diferente, e sou bom nela, e não sou mais um escravo, escolhi trabalhar com eles, tenho hoje uma família de

gente como eu. Acredito que deverei retornar em breve, em terras muito diferentes da que nasci. Terei a graça de ter uma família.

Não, não sirvo mais aos dragões. Na verdade resgato seus escravos.

Obrigado por me ouvir.

A MENINA POLONESA

A única lembrança que não sai da minha cabeça é aquela manhã cinza de uma cidade que não lembro o nome, na Polônia ocupada, onde reunimos um grupo de civis para transportá-los para um campo de contenção. Estava bem frio naquele dia e o céu estava cinza.

Chegamos em diversos caminhões, nossas tropas rapidamente tomaram toda a cidade e começamos a retirada dos civis. Apesar de frio o lugar era bonito, com umas montanhas cinzas ao fundo, e a cidade era tão alemã quantos as cidades alemãs que eu conhecia.

O grupo que minha tropa reuniu era de pessoas comuns, mas muito articuladas, que esboçaram uma pronta reação. Estavam muito indignados. Aparentavam ser gente normal, professores, comerciantes, enfim.

Nosso comandante oficial, após ter recebido algumas ofensas, que sequer lhe ofenderam de fato, mandou separar os homens das mulheres. Os homens foram executados a tiros de rifle, ali mesmo. Jovens, velhos pouco importava. Após a execução de todos eles, as mulheres foram convocadas para empilhar os mortos. Isso lhes causou enorme repulsa, e se revoltaram muito.

Nosso comandante ordenou então a execução de todos. Ordenamos as mulheres em filas, e as executávamos a tiros como aos homens. Eles, mesmos baleados, não acreditavam no que estava acontecendo.

Uma delas estava com uma menina de uns quatro anos no colo. Um soldado a retirou dos braços da mãe e a mesma foi morta naquele instante. A menina ficou totalmente perdida, olhava o cadáver da mãe e nada entendia. Olhou para mim com um olhar vazio que jamais esquecerei. Era um misto de desespero e descrença. Pobre menina! Seu olhar havia perdido o brilho natural. Como o olhar de uma criança poderia perder seu brilho? Seu olhar foi horrível e dolorido. Senti um misto de tristeza, incapacidade e angústia. Uma menina pequena, andando em círculos, pedindo socorro com os olhos.

Como seu olhar era dolorido! Seus olhos viram o impensável. Ela vira sua mãe morta, na sua frente. Olhou pra mim. Ficava olhando para mim. Seu olhar jamais em tempo algum me será esquecido. Lembro que ela estava com uma sandália. Que frio aquela menina deveria estar sentindo! O que

diabos estávamos fazendo? Eu a peguei nos meus braços e solicitei ao comandante que fosse poupada. Ao ouvir isso tiraram ela de mim, tiraram meu rifle, me esbofetearam e me colocaram de joelhos com uma pancada na minha perna e a mataram, na minha frente, me fazendo ver a cena. Fui detido no mesmo momento. Havia cometido ilícito militar. Ainda era soldado, mas fui imediatamente transferido para o *front* oriental, para combater os russos. Nem deu tempo de escrever para minha mãe, pedir para ela orar por mim.

No *front* oriental tudo era muito difícil, não era a toa que nossos soldados a chamavam de "terra da carne congelada". Impressionante como os russos defendiam suas terras. Avançávamos por quilômetros vazios e tudo congelava. A resistência era fortíssima quando a encontrávamos, mas o que enfrentávamos de pior era o frio e fome. Aqueles porcos dos nossos comandantes tinham comida, vinho e aquecimento, nós não, nós éramos quase que como bichos para eles. Dormíamos todos juntos, sem tirar o uniforme. Tirar a bota era o mesmo que perder o pé por conta do frio.

Recordo-me muito de quando fiquei na Polônia. Nosso exército havia tomado todo o país, fazendo fronteira com a parte invadida pela Rússia. Houve uma ocasião em que um companheiro de quartel, enquanto fazia a ronda, foi abordado por umas crianças polonesas. Elas pediam pão. Esse meu companheiro entrou no quartel e pegou um saco, e deu esse saco para as crianças. Nele havia fezes. Esse homem havia dado fezes a crianças que pediam pão. Lembro de as ter visto sair, tristes e desorientadas, e do meu colega de armas rir. Por Deus, isso aconteceu mesmo, mas nem eu mesmo acredito no que vi.

Retornei para Berlim, pois todo esforço acabou se revertendo para a defesa da cidade. No retorno descobri que minha cidade havia sido devastada, e que muito provavelmente minha mãe havia morrido. Chorei escondido de todos. Era a única pessoa que eu tinha no mundo, eu a amava muito, ela sempre foi muito amiga minha. No mundo éramos eu e ela apenas, meu pai havia morrido eu ainda era pequeno, e eu não tive irmãos. Como tive saudade da minha infância, éramos muito pobres, mas tínhamos uma vida tranqüila. Eu ia a escola e a igreja com minha mãe. Sei que ela devia ter sofrido muito quando fui convocado.

Nossos comandantes nos insuflavam contra os ingleses e americanos, os chamando covardes. Acaso um piloto americano fosse visto,

por conta de ejeção nos combates aéreos, era para ser imediatamente conduzido a interrogatório. Participei do fuzilamento de alguns.

O retorno a Berlim foi terrível, ao passar pela terra víamos a destruição, tudo acabado. Cidades inteiras destruídas e pessoas perdidas aqui e ali. Não passei pela minha cidade, queria ver aonde minha mãe poderia estar enterrada, mas não pude.

Fomos a Berlim esperar o inevitável.

Lembro-me do dia em que o setor da cidade onde estava fora invadido. A cidade sofrera pesado bombardeiro, um enxame de aeronaves sobrevoava e nossa aviação de guerra simplesmente não aparecia, aliás, há muito não aparecia. Estávamos sem comunicação com o comando, se é que ele ainda existia naquele momento, sem querosene para os carros, com fome e quase sem munição também. Estávamos a esperar o exército vermelho. Os russos nos tinham muito ódio. O dia estava claro, e a cidade em ruínas.

Na larga avenida onde fora montada uma barricada estávamos eu e uma tropa de soldados, que mais pareciam indigentes. Estávamos com tanto medo que nem respirávamos direito. Nossas ações estavam como que refreadas. Doíam todos os músculos das pernas e braços. Enfrentar o exército vermelho naquelas condições era o mesmo que enfrentar a morte. O tiroteio não foi forte porque recuamos. Não adiantava se entregar aos russos, eles simplesmente nos matariam.

Na minha fuga para o centro da cidade vi um grupo de meninos, perto de um prédio desmoronado. Meninos pequenos, com medo, totalmente desamparados, alguns quase nus, descalços, com a mesma ausência de brilho no olhar daquela menina. Parei. Larguei meu rifle, tirei meu capacete, andei de mãos para cima em direção aos russos. Queria fazê-los parar. Tentar falar com eles. Eu sabia algumas palavras em russo. Dois deles, os que vinham à frente da turba que estava ao longe, ajoelharam e armaram seus rifles, apontara para mim e me alvejaram. Não senti nada. As balas me atravessaram. Pus as mãos no meu ventre perfurado, senti o calor do meu sangue fluindo. Ajoelhei. Não tive coragem de olhar para onde estavam os meninos, mas sabia que eles estavam me vendo. Ajoelhado, fiquei olhando aquela multidão que passava por mim, até minha visão sumir e eu adormecer.

Aqui eu ainda procuro aquela menina para pedir perdão pelo que fizemos, mas não a encontro. Acho que ela não está nesse vale. Procuro também aqueles meninos, para saber se escaparam. Queria poder sair desse lugar, mas aqui é confuso. Fui trazido para esse lugar e estou preso nele. Parece um vale de noite eterna. Meus carcereiros usam uma suástica diferente, mas sei que são nazistas também. Malditos desgraçados. Sequer explicam o porquê disso. Também sou alemão, mas não há sequer uma explicação.

Fui um bom homem, mas não sei se mereço sair daqui, acho que por tudo que vi e fiz, esse seja meu lugar. Só queria de alguma forma poder ver minha mãe e poder saber se aquela menina está bem. Ambas não mereceriam estar nesse maldito lugar.

MEU IRMÃO SUICIDA

Bom dia.

Estou procurando meus colegas. Particularmente dentre eles há um que considero o irmão que não tive. Era um homem honrado e sabedor de seus deveres.

Crescemos juntos numa pequena cidade, tivemos uma excelente infância e mocidade, e fizemos academia também. Treinamos e ficamos muito bons nos exercícios. Fomos juntos para a Inglaterra na mesma companhia de bombardeiros. Pela nossa afinidade fiquei como seu navegador, e esse meu amigo e irmão, ficou como piloto.

Ficávamos numa base perto de uma vila e realizamos, juntos, várias missões. Como eu confiava nele. Nossas vidas dependiam de seu comando. Quando nossa nave se tornou líder de esquadrilha, todas as missões, algumas com mais de cem aviões, dependiam de nós. Como eu era o navegador minha preocupação era extrema, a única coisa que me acalmava era saber que ele pilotava o avião melhor que ninguém.

Soa como mentira que, apesar dos ataques aéreos, das quedas dos colegas, da gritaria pelo rádio, eu permanecia calmo, em quase todos os momentos.

Simplesmente não se é possível fazer idéia do que é realizar cálculos e medições para se jogar as bombas nos lugares certos, no meio de um combate de vida e morte sobre território inimigo. Eu me mantinha calmo, mas com plena consciência do perigo. Depois de algumas horas, o corpo se acostuma com o medo.

No início da viagem tudo era silêncio, apenas o barulho dos motores, nós não conversávamos. Ao se avistar o inimigo se esperava que ele entrasse em posição, isso durava longos minutos. A munição não durava muito e tinha que durar todo o trajeto. Quando os inimigos chegavam, era uma eternidade o combate. Isso sem contar o frio terrível dentro do avião, e a dificuldade de se movimentar com as máscaras de ar.

Nosso piloto era um bom homem. Ele tinha família, assim como eu. Sempre escrevia para sua mãe. Mas o que mais me admirava nele é o fato de sempre ter uma resposta para tudo. Ele era sempre o primeiro a correr riscos, incentivava a todos. Os garotos iriam com ele até as portas do inferno se ele pedisse. Ele sempre nos mantinha calmos. Às vezes quebrava ordens de silêncio pelo rádio para confortar colegas em outras aeronaves quando em retorno e longe do perigo. Mantinha a cabeça fria no calor do combate, e cumpria todas as missões.

Ele era muito melhor do que eu, muito mais homem no sentido nobre da palavra e não mereceu ter morrido.

No fim de nossa última missão, no retorno para a Grã Bretanha, nosso avião estava muito avariado, havíamos sido duramente fustigados e perdemos dois de nossos artilheiros, havia muito sangue no chão, e a nave perdia potência. Ao nos aproximarmos do aeródromo, percebemos que simplesmente não íamos conseguir. Ele deu ordem para todos abandonarem a nave, enquanto ele mantinha o nariz do avião para cima. Fui o último a saltar.

Antes de saltar, fui falar com ele, puxando-o para saltar também. Nesse momento, não mais parecia que estávamos lá, ele me olhou fundo nos olhos, não havia tristeza no olhar, mas serenidade. O tempo parou de repente, e ele sentenciou que aquele avião não iria cair na pequena vila perto do aeródromo. E de fato havia uma vila próxima e pela nossa rota, iríamos passar por ela. Se ele saltasse, muito provavelmente a aeronave cairia lá e isso seria um desastre. Disse que saltaria assim que fosse possível, e que me encontraria na base. Demoraram alguns segundos antes dele virar o rosto, jamais esquecerei sua feição. Virou o rosto e ordenou que eu saltasse.

Desejei boa sorte e saltei. Nunca mais vi meu irmão de combate. Ele segurou o quanto pôde e caiu junto com o avião na zona rural. Enquanto eu caia de pára-quedas, vi nosso avião se despedaçando, cheio de buracos de balas, com grossa trilha de fumaça, não o vi pular, vi o avião cair na zona rural em uma explosão. Jamais me esquecerei. Ele não saltou, não saltaria enquanto aquele avião representasse perigo para a vila lá embaixo. Que coisa bela e triste ver alguém morrer por outra pessoa! Que injustiça morrer naquelas condições!

Depois da queda, voltei à América, pois fiquei muito ferido, e com o fim da guerra, vivi minha vida. Contei para a mãe dele as circunstâncias

da sua morte, de como havia sido um bom soldado, de como cumpria as missões e de como ajudava os garotos, e do seu heroísmo ao salvar uma vila, e ela chorou muito. Ela me mostrou fotos dele quando criança, e me contou de como era um bom garoto, curiosamente, não era de brigas e era de muito boa índole. Eu não a olhei nos olhos, não tive coragem. Apenas a abracei.

Casei, tive filhos, tive muitos netos. A lembrança da guerra sempre me foi muito triste pela perda dos colegas, do medo que tinha de morrer, mas sempre falei dela para quem quisesse ouvir. Vivi o resto dos meus dias adorado como veterano. Tive uma boa vida depois, não vou mentir. Meus filhos e netos me deram muitas alegrias.

Mas um dia me atormentei muito pela morte dos meus colegas, e pela morte do meu irmão. Um pastor da nossa igreja havia dito que o suicídio era pecado, e que a guerra era pecado, e que a alma de um suicida estava condenada ao inferno.

Argumentei depois com ele a situação de suicídio para salvar alguém, em ceder sua vida que para que outra possa viver, e argumentei também a questão do dever, em combater o regime de terror que se instalara na Europa, mas o pastor foi categórico na condenação ao inferno, atrelado aos textos santos. Hoje percebo seu absurdo despreparo para falar de Deus. Saí da igreja, absolutamente transtornado e magoado, e naquele dia simplesmente não mais acreditei em Deus. Eu vi o que a maldade humana podia fazer, eu vi garotos morrendo nessa guerra, eu visitei um campo de concentração depois da guerra e vi os horrores perpetrados. Sou muito consciente do papel que realizamos na Europa. Aprendi muito sobre quem eu combati depois da guerra. A morte era sistematizada naquele país e não haveria lugar para quem fosse diferente deles. Eu vi. Eu sou testemunha disso. Eu fui baleado por eles. Eu perdi meus irmãos lá. E onde estava Deus naqueles dias? Onde estava ele, ou os pastores ou a igreja enquanto tantos morriam? Porque eu e meus irmãos tivemos que lutar tanto? Porque tantos morreram de forma tão brutal e desesperada? Como esquecer os lamentos ouvidos no rádio daqueles que estavam dentro dos aviões em chamas? Como esquecer isso? Como?

Meu amigo, sou um homem que procura resolver seus problemas, e acredite você que até hoje procuro pelos meus amigos de armas, e pelo meu irmão. Ele era um bom homem e se matou para poder salvar a outros que sequer conhecia. Não acreditava que poderia estar sofrendo a condenação eterna por conta disso. Isso me assombrou toda a minha vida, e agora procuro

meu irmão, que não merecia ter o fim que teve. Merecia muito mais viver do que eu.

Percebi que as coisas aqui são muito diferentes do que sempre se falou. Estou em uma condição enferma, por ter participado da morte de milhares, hoje frequento uma grande escola aqui. Hoje vejo que de fato há alguma ordem no caos da vida, e sempre que posso procuro pelos meus irmãos. Às vezes participo de seus resgates, em lugares que lembram muito o ambiente da guerra. Pobres garotos, ainda combatem. Peço a Deus a honra e a satisfação de poder voltar como irmão de sangue do meu amado irmão de combate, e talvez de outros, e poder viver, crescer e conviver com eles, ter nossas famílias em proximidade; peço também para que ninguém seja punido por ter escolhido a vida de outros em detrimento da própria.

UM “J” NO PASSAPORTE

Bom dia.

Posso contar minha pequena história? Fui uma jovem judia na época da ascensão do nazismo alemão. Minha família tinha uma pequena fábrica de artigos de couro. Vivíamos despreocupados até então.

Com o advento da política de beligerância contra os judeus, fomos todos para a Suíça, e lá depositamos todas as nossas economias em um banco. Na Suíça um oficial de fronteiras pegou nossos passaportes. Assinalou algumas coisas e nos devolveu. Podemos ir então para a Áustria e depois fomos para a França, de lá, fomos à América, graças a um conhecido que nos bancou a viagem. Perdemos tudo o que tínhamos, pois nunca mais foi possível voltar para a Suíça, e anos depois a mesma não reconheceu os depósitos efetuados, mas mantivemos nossas vidas, o que é mais importante.

Depois de muitos anos, porém, percebi que aquele oficial de fronteiras havia ajudado muito. Havia-nos salvo de um sofrimento terrível e inimaginável. Ele descumprira ordens de carimbar um “J” laranja em nossos passaportes. Isso nos salvou, porque com esse “J” no passaporte seríamos detectados como judeus no retorno à Alemanha e nosso destino seria um campo de concentração onde horrores e mais horrores eram reservados a nós.

Fiquei sabendo disso muito tempo depois da guerra, por conta da minha mãe e ao ouvir depoimentos e artigos de história. Isso depois que eu cresci. Depois de ter meus filhos. Depois que soube disso, sempre, sempre e sempre fiz uma oração por aquele oficial, que intencionalmente ou não nos havia salvado. Eu até acreditava que tivemos sorte, apenas. Depois da minha morte, que foi muito tranquila junto aos meus filhos e netinhos, cercada de entes queridos, ao perguntar por esse episódio da minha vida, fui surpreendida pelo fato daquele homem ter salvado centenas de pessoas antes de ser preso. Ele assim agia intencionalmente, não carimbando nada no passaporte de ninguém. Fiquei assombrada pela sua coragem.

Pois bem. Soube que ele foi descoberto, e foi preso. Foi preso, processado e torturado, e depois foi executado num campo de contenção na Alemanha, depois de padecer sofrimentos inimagináveis. Sua história não é conhecida assim como não é de conhecimento geral que outros tantos heróis

anônimos que como ele assim agiram e assim morreram, e que agiram contra as autoridades suíças. Muitos deles sabiam da necessidade de se carimbar o "J" laranja e de que a Alemanha considerava os judeus inimigos do estado.

Gostaria de dizer que depois que aqui cheguei e descobri toda a verdade o procurei. E o achei. Ele não percebe a mim, nem a outros que desejamos ajudar. Ainda está preso nos acontecimentos do passado e ainda sofre das dores do fuzilamento. Sua mente recria a cena do campo cinza, da noite sem estrelas e fria onde soldados o levam nu e machucado para uma parede onde outros corpos jaziam, nus também. O colocaram de joelhos, o humilharam, bateram e atiraram covardemente na sua cabeça. Ele sofre essa repetição mental todos esses anos e não conseguimos ainda fazê-lo enxergar que tudo já passou.

Quero dizer para você que ficarei do lado dele até ele acordar, ainda que dure uma eternidade. **Eu vivi e ele não, eu tive filhos e netos, e ele não. Dormi noites tranquilas no recesso do meu lar e ele passou todos esses anos no inferno, nu, de joelhos e sangrando**. Pedi para Deus, e assim foi aceito, que ele renasça um dia como meu filho, em terras distantes, num país que recebe a todos de braços abertos, para que eu possa dar a ele todo meu amor e minha gratidão. Que eu possa, com meu amor, refazê-lo como homem, como um dia ele foi e salvou a vários.

Obrigada,

Helga.

O BEBÊ DE OKINAWA

Estive na ilha de Okinawa, junto com o exército americano, quando da invasão da ilha.

A ilha estava em péssimas condições depois que o exército imperial japonês capitulou. Havia civis perdidos, crianças sem seus pais, homens e mulheres famintos, queimados e doentes.

O exército americano montou algumas barracas com remédios e comida, junto com a cruz vermelha, mas os japoneses eram muito arredios e tinham muito medo de nós.

Os oficiais japoneses haviam contado que éramos cruéis, que os mataríamos e que nada sobraria. Descreviam-nos como demônios.

Quando invadimos totalmente a ilha, esses covardes oficiais se mataram, todos. Deixaram a população civil e soldados totalmente perdidos. Se fossem realmente corajosos, teriam enfrentado a invasão de cabeça erguida, mas preferiram enfiar suas espadas na barriga. Me lembro de ter entrado em um pequeno prédio administrativo, ocasião em que vi o oficial comandante morto, havia se suicidado com uma espada pequena, após ter destruído documentos e aparelhos de comunicação.

Tenho muita raiva desses oficiais, pois insuflaram um medo terrível nas pessoas, e de duas delas em particular eu jamais me esquecerei.

Estávamos, eu e dois colegas, andando numa vila, cooptando civis para levarmos às barracas da cruz vermelha. Era muito difícil a comunicação com eles e a maioria preferia ficar onde estavam, nas suas casas, algumas queimadas, doentes e com fome. Avistamos uma jovem mãe com um bebê nos braços. Lembrei do meu filho que nascera na América, que eu ainda nem conhecia, apenas o vi em uma foto que chegou pelo correio militar. Tentei ir atrás da jovem mãe e oferecer comida e água a ela e ao bebê.

Ela, ao nos ver, fugiu. E subiu num morro pequeno, se escondendo. Tentei ir atrás, oferecendo comida e gesticulando. Quando, para meu terror, ela simplesmente jogou o bebê num barranco com um lago, e

pulou logo em seguida. Bem na minha frente. Não pude acreditar no que vi. Aquele pequeno bebê sendo jogado vários metros abaixo, se espatifando nas pedras do lago e sua mãe pulando logo em seguida. Por Deus, o que fora aquilo? Vi o corpo do pobre bebê boiando nas águas. Meus camaradas o tiraram do lago depois e vi como ele era lindo, e como, apesar de tudo, aparentava estar em paz. Parecia um anjinho dormindo, apesar da queda brutal. Eu mesmo o enterrei, ao lado da mãe, num cemitério perto da base improvisada.

Eu nem havia visto o começo da vida do meu bebê, e havia interrompido de forma trágica a vida de outro.

Morto. Morto porque um déspota orgulhoso encheu a cabeça da pobre mulher contra a gente. Um déspota orgulhoso que havia mandado aviões matarem milhares de americanos da nossa frota em *Pearl Habor*, sem sequer uma declaração de guerra, num ataque abrupto e covarde, começando uma guerra horrível. Um déspota orgulhoso que não foi homem o suficiente para se render e encarar as consequências dessa guerra infeliz. E eu só queria dar um chocolate para a criança.

Voltei para a América. E me tornei ateu. Como acreditar em Deus depois de tudo que vi? Como acreditar em Deus depois de ter provocado duas mortes como essas?

Eu não combati, não feri nenhum soldado inimigo, mas matei uma mãe e seu filho. Consegue imaginar o peso disso? Estive lá como apoio somente, mas mesmo assim não me livrei de ver o desespero de uma mãe com seu filho nos braços em face de monstros terríveis. Monstros terríveis criados para justificar atrocidades cometidas pelos senhores da guerra. De fato nós, americanos, também erramos em muitas ocasiões, alguns de nós maltrataram muito os pobres civis japoneses, mas jamais estaríamos lá se não fosse a guerra.

Voltei para casa e me tornei repórter. Sim. Essa história é pequena para alguém que gostava tanto de escrever, para alguém que tem muito o quê contar, mas me permitiram narrar apenas isso.

Que fique, porém, registrado para sempre o nome do bebê que matei e enterrei com amargo nó na garganta, e que definiu toda a minha conduta na vida: Hideo.

AS FLORES DE KATJA.

Minha filha Katja era uma criança muito linda, tinha grandes olhos castanhos amendoados.

Nossa vida acontecia num apartamento muito simples. Eu, minha jovem esposa e filha. Sempre quando voltava da fábrica que trabalhava, minha pequena Katja corria para meus braços.

Sempre que podia, pois trabalhava muito, eu a levava em meus braços para um rápido passeio nas cercanias de nosso prédio. Havia uma árvore que eu sempre passava perto, em algumas épocas ela florescia com umas flores muito simples, brancas com um fundo amarelo. Katja sempre pegava uma para levar para sua mãe. Algumas ela me dava.

Não tínhamos muitas condições, éramos muito simples, e eu trabalhava muito, mas tínhamos uma vida, uma casa pequena mas bem aparelhada, e Katja, que contava nesses dias com três anos, era uma menina linda.

Quanta tristeza essa lembrança me dá. Há tantos anos isso aconteceu, mas me dói muito falar disso.

Um dia, logo no início da guerra, tivemos ordens para abandonar imediatamente a fábrica, um bombardeiro havia começado, e ficamos todos parados na estrada, sem poder ir a cidade. Nossa fábrica era um alvo militar, assim como nossa cidade. Com o alarme do bombardeamento saímos da fábrica, mas ficamos presos nas cercanias, as estradas eram local extremamente perigoso com os aviões alemães a rondar.

A cidade também sofreu pesado ataque e estava em chamas, em ruínas. Corri, depois de passado o bloqueio, desesperado para casa. Para meu desespero nosso pequeno prédio estava em ruínas. Enlouquecido comecei a vasculhar os escombros, e vi o corpo da minha amada filhinha Katja sem vida. Seus grandes olhos sem vida, fitando o infinito. Suas mãozinhas geladas ainda eram doces e meigas, mas estavam enrijecidas e sem vida.

Fiquei cego de dor e desespero. Demorei uma eternidade para entender o que estava acontecendo. Minha esposa eu sequer achei.

Enterrei Katja ao lado da árvore que ela e eu tanto gostávamos. Não havia outro lugar melhor naquela cidade destruída. Que dor e que tristeza colocar seu pequeno corpo numa vala que cavei com minhas próprias mãos, fechei seus olhos, seus belos olhos que apenas fitavam a eternidade. Fechar seus olhos foi a coisa mais amarga que experimentei.

Fiquei vagando na cidade como uma alma perdida por dias, não me lembro se comi ou bebi água, eu apenas desejava morrer. Ficávamos eu e outros sobreviventes, perto do centro administrativo do partido comunista que sediava a nossa cidade.

Após não sei quanto tempo o Exército Vermelho chegou, e convocou todos em condições físicas para lutar. Nos convenceram a nos vingar. Nós queríamos nos vingar.

Nessa ocasião fiquei na linha de frente do exército vermelho. Ganhei um fuzil, alguma munição e um rápido treinamento. Isso eu e mais alguns sobreviventes em condições de lutar.

A invasão dos fascistas era muito presente. Eles bombardeavam o quanto podiam e invadiam com a infantaria. Nós da linha de frente tínhamos a missão de fazê-los frear, e se assim fosse possível, os fazer recuar. Íamos na frente do nosso Exército Vermelho. Pode-se traduzir que éramos uma milícia de civis. Não usávamos farda e nada tínhamos a perder.

Conforme os combatíamos, tomávamos armas e equipamentos. Eu não era mais um homem, eu era a Rússia personificada. Para mim cada fascista era responsável pela morte da minha filha. Eu não era mais humano, eu desejava a morte, eu buscava a morte, a morte era meus dois olhos, era minhas mãos.

Tornei-me o camarada Aleksey, comandante do grupo 01 da linha de companheiros em auxílio ao Exército Vermelho.

Ao meu redor se juntava um belo grupo de desgraçados, mulheres sozinhas que perderam tudo, homens que se tornaram soldados como eu.

Alguns velhos que se adiantavam à frente para serem baleados em primeiro lugar, a fim de dar aos companheiros alguma chance.

Um em especial gostaria muito de ver novamente. Era um senhor que perdeu toda a família, seu nome era Pavel, e apesar de idoso, ia à frente do grupo. Ele morreu ao enganar um grupamento alemão com um pedaço de madeira simulando uma arma, fazendo o grupamento se dividir. Graças a ele não só sobrevivemos a um combate corpo a corpo com um numeroso grupo, como ainda conseguimos relativo sucesso em nosso intento. Foi o homem mais corajoso que vi em toda minha vida.

Ele nos acompanhava depois que o encontramos vagando em escombros de uma vila bombardeada. Era sempre foi muito solícito, tirava sua própria roupa para aquecer um camarada se fosse preciso. Eu o vi morrer. Estávamos em um prédio sitiado por fascistas, quando ele saiu correndo de onde estava, em outro prédio, e fez o grupamento se dividir para segui-lo. Eu vi quando dobrou uma esquina e uma bala o pegou. Ele caiu na mesma ocasião, e aproveitamos para fugir. Nem deu tempo para lamentar, muito menos foi possível sepultá-lo. Ele sabia que não sobreviveria, mas como já tinha idade e nada a perder, assim deixou esse mundo, tendo apenas a mim como testemunha.

Eu treinei inúmeros nas armas. Descobri que a infantaria alemã era composta de garotos, a maioria sem condições de sequer permanecer em pé naquele frio. O exército alemão tinha apenas uma única vantagem, a velocidade em se locomover e tomar um determinado lugar, mas no combate, seus equipamentos muitas vezes falhavam e, sem o apoio de sua força aérea, era possível os combater com relativo sucesso.

Ao meu grupo cabia dinamitar pontes, e pela nossa ousadia, passar a linha de frente e prejudicar a remessa de suprimentos, atacando comboios.

Eu odiava os alemães. Ainda hoje penso que os odeio. Entrávamos em nossas cidades devastadas apenas para ver mortos jogados ao chão. Era comum ver mães mortas agarradas aos filhos, homens amontoados em paredes, fuzilados. Mulheres estupradas vagando, loucas e doentes. Claramente os alemães nos queriam dizimar, eles consideravam a nós eslavos como inferiores, e a guerra era de franco extermínio.

Nos meus últimos momentos de vida, se é que posso chamar de vida o que passei, enfrentamos o exército fascista perto de uma vila destruída. Os alemães estavam todos acampados e não nos esperavam. Lembro de ter dado ordens de cercar a vila, mas alguns companheiros começaram a atacar, corri de um descampado, ajoelhei e com meu rifle derrubei alguns alemães. Fui até eles, peguei suas armas e continuei o combate. Entrei numa casa, onde três oficiais comiam, meu rifle enguiçou, então tirei minha faca e os matei com minhas próprias mãos. Ainda lembro dos seus rostos apavorados e incrédulos pela nossa ousadia.

Reunimos os que se renderam e os executamos de imediato. Todos eles. Os enfileiramos e os matamos a tiros.

Cego de excitação, mandei meu grupo avançar pelo campo, até encontrar outro grupamento de alemães. Chegamos jogando granadas e logramos matar a vários. Porém fui baleado e retirado pelos meus companheiros. Morri dias depois, com muita febre, dentro de um casebre. Quanta angustia morrer daquele modo, tendo perdido minha família, baleado e sangrando. Não orei, sequer lembrei de Deus. Sabia por alto de sua existência, mas há muito nossa igreja local havia sido transformada em um teatro.

Após um tempo que não tenho como medir exatamente, algo como um sono, a coisa mais incrível aconteceu.

Acordei em uma bela e enorme praça, em um dia muito claro, algo como uma bela manhã, nessa praça havia uma árvore como a que havia perto da minha casa. Ao ver essa árvore chorei, chorei muito de tristeza e saudade. No chão estavam espalhadas as flores de Katja.

Quando ergui meus olhos, vi ao longe minha esposa caminhando para mim, com minha adorada filha nos braços. Não pude acreditar que elas estavam vivas, parecia um sonho, fiquei ali, ajoelhado e olhando. Minha filha pulou no chão e correu para me abraçar. Usava a mesma roupa simples, que consegui com tanta dificuldade e que velou seu corpinho. Eu a abracei. Abracei minha pequena Katja por uma longa eternidade, sentindo seu calor. Quanta saudade eu senti, quanta dor, quanto sofrimento. Inimaginável sofrimento.

Eu as havia reencontrado.

Deus pode fazer o tempo voltar. E pode tirar o sangue das nossas mãos.

Ele existe, afinal.

Em breve, viveremos a nossa vida de onde ela parou, em terras brasileiras, onde a guerra é apenas uma estória, e terei a felicidade de receber minha amada filhinha Katja nos meus braços novamente.

...

O autor é Procurador da Fazenda Nacional, exercendo suas funções na cidade de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, Brasil.

Sugerimos ao leitor o estudo da Batalha da Grã-Bretanha e da invasão da Polônia, ambas no contexto da Segunda Guerra Mundial, aptas a exemplificar o conflito e que fundamentam as presentes ficções, assim como a participação da Força Expedicionária Brasileira.